



**A EXPRESSIVIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
SOB UM OLHAR EXPERIMENTAL
EXPRESSIVITY IN BRAZILIAN PORTUGUESE
FROM AN EXPERIMENTAL VIEW**

Tatiane Gonçalves Sudré

RESUMO

Este artigo visa explicar o licenciamento dos adjetivos do português brasileiro (PB) em sentenças exclamativas que denotam expressividade, ou seja, a atribuição de um grau que exceda um patamar contextualmente relevante (RETT, 2008), com base em uma investigação experimental. Mostraremos os resultados de dois experimentos linguísticos, realizados com falantes nativos do português. Os experimentos foram inspirados num estudo realizado para o inglês (BRASOVEANU; RETT, 2017), o qual tinha por objetivo investigar a natureza da expressividade naquela língua, a partir de construções adjetivais e de diferentes tipos de adjetivos. Concluímos que não é qualquer adjetivo que pode ser licenciado em contextos altamente expressivos: tal como dito para o inglês, também em PB ser de grau (KENNEDY; McNALLY, 2005) é condição essencial para o licenciamento de adjetivos nesses contextos. Dentre os adjetivos de grau, os de grau relativo se revelaram os mais adequados ao licenciamento da expressividade. Este trabalho experimental enquadra-se na teoria da Semântica Formal, tendo a Semântica de Graus como aporte teórico central.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivos Expressivos; Adjetivos de Grau; Semântica Formal; Semântica Experimental.

ABSTRACT

This article aims to explain the licensing of Brazilian Portuguese (BP) adjectives in highly expressive contexts, such as exclamative sentences. In expressive contexts the attribution of a degree exceeds a contextually relevant standard (RETT, 2008). We will show the results of two linguistic experiments, carried out with native Portuguese speakers. Our experiments were inspired on the study of Brasoveanu and Rett (2017), which has investigated the nature of expressivity in English, manipulating adjectival constructions and types of adjectives. Our finds support their claim that the licensing of adjectives in highly expressive contexts varies according to semantic classes. In BP, being a gradable adjective (KENNEDY; McNALLY, 2005) is essential for the licensing in expressive contexts, as well as in English. Among gradable adjectives, the relatives fare better. This is a work in Experimental Semantics and in Formal Semantics, having Degree Semantics as its core theoretical support.

KEYWORDS: Expressive adjectives; Gradable Adjectives; Formal Semantics; Experimental Semantics.



Introdução

No Português Brasileiro (PB) as emoções (surpresa, alegria, raiva, tristeza etc.) podem ser manifestadas por meio de diferentes sintagmas, tanto verbais quanto não-verbais. As construções ('Que + nome!') ou ('Que + adjetivo!') são muito usadas, seja para expressar contentamento ou descontentamento por algo ou alguém, como nos mostram os exemplos de (1) a (4).

- (1) Que vergonha!
- (2) Que susto!
- (3) Que alto!
- (4) Que enrugado!
- (5) #Que limpo!
- (6) #Que retangular!

Em (1) e (2) temos uma construção formada a partir da estrutura ('Que + nome!'). Considerando um contexto em que uma criança na escola pega um objeto que não lhe pertence, e a mãe, ao perceber a atitude da criança, diz (1); ou na situação em que uma pessoa distraída, na rua, mexendo no celular, ao ouvir o barulho de uma buzina, deixa o celular cair no chão e diz (2), o proferimento dessas sentenças soa bem natural.

Em (3) e (4) temos uma estrutura formada a partir de ('Que + adjetivo!'), também comum no português. Podemos pensar em um contexto em que uma pessoa admira o tamanho de um arranha-céu para (3), e em um em que uma costureira se decepciona com a textura do tecido que precisa costurar para (4).

Contudo, (5) e (6), apesar de ainda serem estruturas da mesma natureza das sentenças anteriores, também trazendo adjetivos, já não soam tão naturais, mesmo se considerarmos um contexto favorecedor de manifestação de reações, como, por exemplo, em que alguém se surpreende com a limpeza dos talheres servidos em um restaurante, para (5), ou em que alguém que admira a forma inusitada do prato em um restaurante diz (6).

Com base na pouca naturalidade de (5) e (6), percebemos que não é qualquer adjetivo que vai ser licenciado em contextos que manifestam alta expressividade, como o das exclamativas do tipo exemplificado.

Todos os nomes (comuns) soam naturais nesse tipo de construção, mas nem todos os adjetivos, como mostram os exemplos (5) e (6). Então, podemos nos perguntar como fazer para identificar a classe adjetival licenciada nesses contextos, já que os adjetivos são sensíveis a construções com expressividade. Este artigo se propõe a responder à pergunta de qual é o motivo para que alguns adjetivos, mas não outros, possam ocupar em PB o núcleo de estruturas ('Que + adjetivo!'), que, neste trabalho, receberá o nome de exclamativa curta.

Segundo Brasoveanu e Rett (2017), um adjetivo expressivo é aquele que exprime um julgamento por parte do falante, estabelecendo que o grau atribuído pelo adjetivo a seu argumento nominal é saliente por ultrapassar um limite contextualmente definido. Os testes propostos para separar os adjetivos expressivos dos demais são o do acarretamento e o da contradição. Por exemplo, o adjetivo ‘alto’ em (7) acarreta/ implica que a altura do indivíduo excede o padrão, isto é, o falante que diz isso se compromete com a avaliação de que a altura de João está acima da média considerada. Em (7’) temos um exemplo do teste de contradição, ou seja, é contraditório uma pessoa afirmar e negar ao mesmo tempo que um indivíduo seja alto, como podemos observar nos exemplos abaixo, retirados de Brasoveanu e Rett (2017, p. 3).

(7) *John is tall.*

‘João é alto.’

(7’) *John is tall...*(although/in fact) he is not tall.*

‘#João é alto... *(embora/na verdade) ele não seja/é alto.’

Pelo teste acima, percebemos que o adjetivo ‘alto’ é expressivo. Para um adjetivo ser expressivo, faz-se necessário que haja o acarretamento de que o grau supere um padrão contextualmente considerado e que, por isso mesmo, seja contraditório assumir ao mesmo tempo o polo positivo e negativo deste adjetivo.

Com o objetivo de examinar os adjetivos expressivos no PB, dois experimentos linguísticos foram desenvolvidos e aplicados a uma mostra de 45 falantes nativos do português, visando verificar quais adjetivos podem ser licenciados em contextos altamente expressivos, como as exclamativas curtas (‘Que + x!’). Os experimentos foram pautados por um estudo já realizado para o inglês (BRASONEANU; RETT, 2017) com o propósito de explorar a natureza da expressividade, partindo de construções adjetivais e diferentes tipos de adjetivos, como veremos em mais detalhes adiante. Os autores do estudo em inglês assumem, com Kennedy e McNally (2005), a divisão dos adjetivos em algumas categorias semânticas, como resumiremos a seguir.

Segundo a teoria que adotamos, os adjetivos podem ser divididos em graduáveis e não-graduáveis. Uma forma de saber se um adjetivo é de grau ou não é através da possibilidade de intensificar (8) ou colocar os adjetivos de grau em estrutura de comparação (9), além de eles terem o seu oposto facilmente identificado (10). Apenas os que passam nesses testes são graduáveis.

(8) a) João é muito alto.

b) *O prato é muito retangular.

(9) a) João é mais alto que Pedro.

b) *O prato é mais retangular que a bandeja.

- (10) a) O oposto de ‘alto’ é ‘baixo’.
b) O oposto de ‘retangular’ é ???

Segundo Kennedy e McNally (2005), alguns adjetivos estabelecem uma relação entre indivíduos e graus. Eles mapeiam seus argumentos (indivíduos) a graus numa escala, que são uma abstração da representação de medida. Escalas são graus ordenados em torno de uma dimensão, que é estabelecida pela propriedade avaliada pelo adjetivo (ALTURA, PESO, IDADE etc.). Os autores dividem os adjetivos de grau em dois grupos, dependendo do tipo de parâmetro segundo o qual são mensurados. Adjetivos em que o grau do referente do nome modificado pode ser avaliado em relação a qualquer parâmetro proveniente do contexto são chamados de relativos. Os que têm o grau do referente do nome que estiver por eles modificado avaliado em comparação a um parâmetro fixo, parâmetro esse associado a uma propriedade inerente do referente desse nominal, são os adjetivos chamados de absolutos.

Para avaliar se um adjetivo é relativo, é preciso considerar o parâmetro contextual de comparação. Por exemplo, para julgar a verdade de uma sentença como (7), não basta saber a medida de altura do indivíduo: é necessário também saber qual é o parâmetro de comparação assumido do contexto. A sentença só será verdadeira se o grau de altura de João estiver acima do parâmetro de comparação. Se o grau de altura estiver abaixo desse parâmetro, a sentença será falsa. Por exemplo, se João, medindo 1,70m, for comparado a indivíduos que medem 1,60m, ele será considerado alto; mas se for comparado a jogadores de basquete, que têm altura acima de 2m, ele será considerado baixo. Além dos adjetivos ‘alto’/ ‘baixo’, podemos citar outros adjetivos de grau relativo: ‘velho’/ ‘novo’, ‘gordo’/ ‘magro’, ‘bom’/ ‘ruim’, ‘pobre’/ ‘rico’ etc.

No caso dos absolutos, não é necessário buscar no contexto um parâmetro de comparação, pois o parâmetro é parte da própria escala: basta tão somente considerar um grau máximo ou mínimo na escala. Por exemplo, para avaliar uma sentença como (11), o estado do casaco tem de ser igual ao de determinado grau de sujeira. Assim, para julgar se o casaco está limpo, basta observar o seu nível de limpeza, sem ser necessário compará-lo a outros casacos. A sentença (11) será verdadeira se apresentar 0% de sujeira. Além dos adjetivos ‘limpo’ (e ‘sujo’), outros podem ser incluídos no grupo dos absolutos: ‘fechado’/ ‘aberto’, ‘cheio’/ ‘vazio’, ‘enrugado’/ ‘liso’ etc.

- (11) O casaco está limpo.

De acordo com Kennedy e McNally (2005), os adjetivos podem se estabelecer em quatro tipos de escalas. São eles: escalas abertas, escalas totalmente fechadas, escalas fechadas no ponto inferior e escalas fechadas no ponto superior. Os adjetivos relativos são sempre relacionados a escalas abertas e expressam comparações de superioridade/inferioridade, já que não há um grau máximo na escala, isto é, já que o parâmetro de comparação vem livremente do contexto.

Adjetivos absolutos podem ser de escalas fechadas nas duas pontas, como ‘vazio’/ ‘cheio’,

em que os dois polos são de grau máximo. Para um copo estar vazio, ele precisa trazer um grau de ocupação igual a 0%; com qualquer grau de ocupação diferente desse, o copo não poderá mais ser considerado vazio. Por outro lado, para um copo ser considerado cheio, precisa estar com ocupação igual a 100%; caso o copo esteja pela metade, não poderá ser considerado nem cheio e nem vazio. As escalas podem ainda ser parcialmente fechadas, isto é, fechadas numa única ponta, como ‘sujo’/ ‘limpo’. Os adjetivos absolutos expressam comparação de igualdade, ou seja, a ponta fechada da escala vai sempre levar a uma comparação de igualdade, como vimos no exemplo do casaco, que, para estar limpo, precisa ter grau de sujeira igual a 0%. Qualquer objeto com um grau de sujeira diferente desse vai ser considerado sujo.

Levando em consideração estas características semânticas propostas por Kennedy e McNally (2005), os autores Brasoveanu e Rett (2017) desenvolveram alguns experimentos, com o objetivo de analisar a distribuição da expressividade no inglês, considerando construções diferentes (construções comparativas implícitas, também conhecidas na literatura como “construções positivas”, como as sentenças dos exemplos (8) e (11), e construções comparativas explícitas, como, por exemplo, (9)) e classes de adjetivos diferentes (adjetivos relativos e absolutos), como veremos na seção seguinte. Esse estudo experimental comprovou que a expressividade está vinculada ao tipo de adjetivo (relativo ou absoluto) e não está limitada apenas a um tipo de construção (construção positiva).

Com o intuito de observar se o PB se comporta como o inglês no que diz respeito à expressividade dos adjetivos, e se os dados de (1) a (6) podem ser explicados partindo das hipóteses investigadas no inglês, desenvolvemos, com base nos estudos de Brasoveanu e Rett (2017), dois experimentos que serão detalhados nas próximas seções. É importante destacar que algumas adaptações foram realizadas nos testes, para que pudesse dar conta de algumas peculiaridades do português. Destacamos ainda que, até onde sabemos, trata-se do primeiro experimento dessa natureza na nossa língua.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção apresentaremos a metodologia e os resultados dos experimentos realizados no inglês; na seção seguinte há o detalhamento da metodologia dos experimentos realizados no PB; e na seção posterior, discutiremos os resultados esperados com a realização destes experimentos. Em seguida, apresentaremos a discussão dos resultados. Por fim, na última seção, mostraremos as conclusões a que chegamos por meio do nosso estudo experimental.

Os experimentos no inglês

Dois experimentos foram realizados no inglês. O experimento 1 testou 8 pares de adjetivos relativos (‘alto’/ ‘baixo’), e 8 pares de absolutos (‘aberto’/ ‘fechado’) foram testados no experimento 2. Eles foram realizados on-line e contaram com a colaboração de 42 participantes no primeiro experimento e de 48 no segundo. Inicialmente, os experimentos foram tratados

separadamente, contudo, para a realização da análise estatística, os dados dos dois experimentos foram reunidos e examinados em conjunto.

Os autores, assumindo Rett (2008), defendem que os adjetivos apresentam comportamento sintático diferente, ou seja, que os adjetivos de grau são diferentes dos sem grau, por exemplo, e que os de grau são mais adequados à expressividade, pois podem ser combinados com um morfema nulo avaliativo—EVAL—, que é um operador nulo de expressividade, um modificador não-pronunciado de graus com a função de sistematizar a expressividade, operando em um conjunto de graus para produzir um subconjunto deles, subconjunto esse formado por todos aqueles graus que excedem um certo padrão. Como afirma a autora:

Construções expressivas referenciam graus elevados em uma escala em relação a um padrão. Assim, podemos pensar no modificador de grau que codifica a expressividade ('EVAL') como uma função de um conjunto de graus para um subconjunto desses graus (os que estão acima do padrão). (RETT 2008b, p. 83, tradução nossa)

Brasoveanu e Rett (2017), visando investigar a expressividade no inglês, tiveram como variáveis independentes tipos de construção diferentes — a positiva ('Maria é baixa. '), a comparativa de superioridade ('Maria é mais baixa que Sofia. ') e a equativa ('Maria é tão baixa quanto Sofia. ') —, diferentes tipos de adjetivos (relativo, absoluto de grau máximo e absoluto de grau mínimo), o polo do adjetivo (positivo — 'alto' — e negativo — 'baixo' —) e a posição do adjetivo na comparativa (se o adjetivo ocupa a posição de sujeito ou a de complemento). Os autores não esperavam encontrar diferença entre as subclasses dos adjetivos de grau, mas esperavam ver diferenças entre adjetivos de polo positivo e negativo, e entre os tipos de construção. A hipótese dos autores era a de que o tipo de construção sintática e o tipo de adjetivo fariam muita diferença na denotação da expressividade. Assim, dentre os vários tipos de construção examinados, eles esperavam: (i) que, especificamente em todas as construções de comparativas implícitas (ex. 'João é alto'), a classe de adjetivos fizesse diferença para a expressividade nesse tipo de construção; (ii) nas equativas explícitas (ex. 'João é tão alto quanto Maria'), esperavam que a expressividade fosse diferente quando o adjetivo fosse de polo positivo (ex. 'alto') ou negativo (ex. 'baixo'), embora não esperassem nenhum efeito do polo positivo/negativo para construções de comparação implícita; e (iii) que houvesse alguma diferença de expressividade entre adjetivos relativos e absolutos, tanto em comparativas implícitas quanto em explícitas.

A tarefa dos informantes era avaliar a validade de uma série de deduções que um chefe de polícia fazia, com base nos relatórios de um detetive. A tarefa final era a análise da conclusão do chefe de polícia seguindo um dos pontos da escala Likert, julgando se a resposta era justificável ou não. Em (12), temos um exemplo do experimento com um adjetivo relativo ('stronger' – 'forte'), e, em (13), temos um exemplo com um adjetivo absoluto ('complete' – 'completo'):

(12)

The Detective reported to the Police Chief: 'Martha is stronger than Bertha'. The Chief concluded from this that Martha is strong.

-2	-1	0	1	2
(not justified at all)	(somewhat unjustified)	(neither justified nor unjustified)	(somewhat justified)	(strongly justified)

(13)

The Detective reported to the Police Chief: 'Mary's instructions are more complete than Richard's instructions'. The Chief concluded from this that Mary's instructions are complete.

-2	-1	0	1	2
(not justified at all)	(somewhat unjustified)	(neither justified nor unjustified)	(somewhat justified)	(strongly justified)

Em relação aos resultados, confirmou-se que: (i) os adjetivos de grau são mais adequados para a expressividade; (ii) existe uma correlação entre o tipo de construção e o tipo de adjetivo de grau, a saber: (a) a classe do adjetivo relativo é mais expressiva nas construções positivas e equativas; (b) a classe dos absolutos é mais expressiva nas construções positivas; e (c) nas construções comparativas, tanto a classe dos relativos quanto a classe dos absolutos exibem o mesmo nível de expressividade; (iii) no que diz respeito à polaridade adjetival, não houve clareza quanto à diferença de expressividade entre o polo positivo e o negativo; e (iv) em relação às construções, a construção positiva é a mais expressiva. De maneira geral, os autores se surpreenderam com os resultados, pois, com base em Kennedy e McNally (2005), esperavam que os relativos em construções positivas mostrassem maior expressividade que os absolutos, o que não ocorreu nos estudos.

Os experimentos no PB

Para examinar a expressividade em PB, dois experimentos linguísticos foram elaborados e, na sua aplicação, contamos com a participação de 45 informantes nativos do português. Um experimento era de julgamento de felicidade, e o outro era de produção. Nos dois experimentos, o objetivo principal era investigar qual adjetivo é mais apropriado aos contextos altamente expressivos. A expressividade e a vagueza são altamente sensíveis ao contexto. Por isso, escolhemos recorrer a metodologias diferentes, embora pretendêssemos testar a mesma hipótese e possivelmente, encontrar os mesmos resultados. Dessa forma, além de fazer testes de julgamento de felicidade, aderimos também ao teste de produção, que poderiam vir a confirmar os resultados do teste de felicidade.

Contudo, é importante destacar que não entraram em nossa investigação da expressividade do português todas as construções investigadas por Brasoveanu e Rett (2017). Escolhemos para o nosso teste apenas um tipo de construção, a exclamativa curta ('Que + adjetivo!'), por essa estrutura denotar um grau elevado de expressividade no PB.

Tivemos como variáveis independentes os diferentes grupos de adjetivos (sem grau —'retangular'—, de grau relativo —'alto'—, absoluto de grau mínimo —'torto'— e absoluto de grau máximo —'reto'—) e os nomes —'susto'—, que foram usados como controle, ou seja, para sabermos se os informantes estavam atentos às instruções do experimento, já que assumimos que todos os nomes comuns, presos a um contexto expressivo, são bem formados nessas construções.

A nossa hipótese, baseada nos resultados de Brasoveanu e Rett (2017) para o inglês, era a de que só os adjetivos de grau relativo e os absolutos de grau mínimo seriam naturais em exclamativas curtas, já que o grau denotado pelo argumento de um adjetivo tem de exceder o parâmetro contextual para ser expressivo. E a hipótese contrária à assumida era a de que todos os adjetivos fossem igualmente bons nas exclamativas ou, ainda, que sua felicidade nesse contexto seria aleatória, e não determinada pelo tipo de adjetivo.

Todos os informantes, antes de começarem a executar as tarefas dos experimentos, receberam uma breve explicação sobre o fato de poderem interromper o experimento a qualquer momento, sobre o fato de não haver resposta certa ou errada, mas de estarmos querendo acessar o conhecimento espontâneo do falante, sobre a preservação de seu anonimato, sobre como poderiam ter acesso à pesquisa posteriormente, caso assim desejassem, e sobre não haver pagamento pela participação, já que ela era totalmente voluntária. Além de ouvirem essas informações, eles liam e assinavam o termo de consentimento livre e esclarecido, para só então começar de fato a realização do experimento.

A seguir são detalhadas as tarefas dos dois experimentos realizados:

Experimento 1: Teste de julgamento de felicidade

Para este experimento, elaboramos duas listas de tarefas, cada uma com dois exemplos de exclamativa curta, formada a partir de um tipo de variável independente (dois exemplos de adjetivo sem grau, dois de grau relativo, dois de grau máximo e dois de grau mínimo) e dois exemplos com nomes. Contamos a participação de 23 informantes na primeira lista e 22 na segunda, obtendo um total de 45 participantes no experimento. Tivemos um total de 20 itens manipulados, que são os apresentados na tabela 1. Cada lista continha 10 itens, sendo 2 de cada coluna, isto é, em cada lista, tinha dois exemplos das 5 variáveis independentes e 450 respostas para serem analisadas (referente a um somatório de 90 respostas de cada variável independente). A seguir podemos conferir os materiais que foram usados neste experimento:

Tabela 1: Materiais manipulados no experimento

Adjetivos de grau relativo	Adjetivos de grau mínimo	Adjetivos de grau máximo	Adjetivos sem grau	Nomes
bonito	sujo	fechada	nacional	covardia
novo	frouxo	lisa	civil	decepção
alto	torto	reto	mamífero	saco
antigo	ondulado	limpo	retangular	vergonha

Foram formadas exclamativas curtas com cada uma dessas variáveis e criados contextos em que alguém reagia expressivamente a algo surpreendente, usando uma das exclamativas. O conjunto das listas cobria todas as sentenças com os devidos contextos, pedindo o julgamento de felicidade numa escala Likert de 1 a 5. Cada um dos 45 participantes viu uma dessas listas. A forma de distribuição dos materiais foi, portanto, a *between subjects*: cada participante viu uma parte das sentenças. Os informantes eram instruídos a julgar se a reação do personagem naquele contexto apresentado soava natural ou não quanto ao modo de se expressar e, assim, marcar o grau de naturalidade em um dos pontos da escala Likert, especificando seu nível de aceitação, podendo avaliar a estrutura desde completamente natural até impossível de ser realizada por um falante. Em (14), vemos um exemplo do contexto elaborado neste experimento:

(14)

Maria, de carro, passa pelo centro da cidade e vê um arranha céu. Assustada com o tamanho do edifício, a mulher comenta: - **Que alto!**

() () () () ()

Completamente natural Bastante natural Natural no limite Pouco natural Impossível alguém dizer isso

Experimento 2: Teste de produção

Para a tarefa de produção, também criamos diferentes contextos em que seria adequado expressar uma reação de surpresa, e ao final de cada um deles os informantes precisavam preencher com uma única palavra o espaço em branco entre o complementizador e o ponto de exclamação ('Que ____!'). A palavra precisava ser adequada ao contexto, como se a exclamativa curta fosse uma reação à situação descrita naquele cenário. Também neste experimento, criamos contextos que suscitasse a produção de diferentes adjetivos (sem grau, grau relativo, absoluto de grau mínimo e absoluto de grau máximo) e nomes, mas o informante poderia preencher as lacunas livremente; ou seja, apesar de termos tido o cuidado de elaborar contextos pensando nas diferentes classes adjetivais, o participante não recebia nenhuma instrução que o manipulasse na hora do preenchimento da sua resposta. Ao contrário, eles recebiam a informação de que

poderiam responder de acordo com a sua opinião, sem que o nosso objeto de estudo ficasse em evidência. Dessa forma, ele só precisava, após ler cada contexto, completar o núcleo de uma exclamativa curta com uma única palavra adequada ao contexto, à sua escolha. Também utilizamos neste experimento a condição inter-sujeitos (*between subjects*) na distribuição das variáveis: formulamos dois contextos, distribuindo dois por lista, de modo que cada informante viu uma lista com apenas duas exclamativas diferentes para completar. O total de variáveis foi visto pelo conjunto dos participantes. Em (15), vemos um exemplo de uma tarefa do teste de produção:

(15)

Rafaela não consegue organizar suas roupas no armário e deixa tudo bagunçado. Como não gosta de passar roupas, sai com a vestimenta da maneira que estiver. Ontem foi para a igreja com um vestido sem passar. Sua mãe, assustada, olhou para o vestido e disse: - **Que _____!**

Resultados esperados

Em relação aos resultados, esperávamos que, tanto no experimento de julgamento de felicidade quanto no de produção, os adjetivos relativos, os absolutos de grau mínimo e os nomes fossem bem aceitos e produzidos. Contudo, não esperávamos aceitação nem produção de adjetivos sem grau e de grau máximo nas exclamativas curtas, visto que nenhum dos dois tipos de adjetivo estabelece que o grau de seu argumento nominal exceda um padrão contextual. Esperávamos que as construções com adjetivos de grau máximo e sem grau provocassem estranheza como reação expressiva ao contexto. As respostas foram comparadas combinando o tipo de adjetivo e a aceitação e preenchimento da exclamativa, e os achados tratados quantitativamente, em termos de percentual.

Discussão dos resultados

A tabela 2 mostra os resultados obtidos no teste de felicidade, no que diz respeito aos adjetivos de grau. Internamente a esse grupo de adjetivos, confirmou-se a hipótese de que os relativos são especialmente mais adequados à expressividade, com 80% de aceitação, em contraste com os resultados dos absolutos: grau máximo: 57,77% e grau mínimo: 53,33%. Contudo, a diferença entre os dois subtipos de adjetivos absolutos não foi muito significativa neste teste, tendo os valores dos de grau máximo se sobressaído pouco em relação aos de grau mínimo. É importante destacar que os percentuais se referem ao total de adjetivos de grau (90 relativo, 90 de grau máximo e 90 de grau mínimo).

Tabela 2: Tabela consolidada dos julgamentos dos adjetivos de grau (universo de 90 questões por variável independente respondidas)¹

	Bom/ excelente	Estranho/ inaceitável	Percentual de julgamentos de bom ou excelente
Adjetivo relativo	72	18	80%
Adjetivo de grau máximo	52	38	57,77%
Adjetivo de grau mínimo	48	42	53,33%
Total de adjetivos com grau	172	98	63,70%

Como podemos observar na tabela 3, tivemos um percentual de quase 100% de aceitação de nomes (96,66%), o que confirma a hipótese inicial de que os nomes comuns (vinculados a um contexto que provoca a avaliação do falante) são todos bem aceitos em contextos que denotam a expressividade.

Entre os adjetivos, a aceitação dos de grau (63,70%) foi bem mais substancial se comparado aos adjetivos sem grau (25,55%). Isso mostra que ter grau é um fator fundamental no que diz respeito à denotação da expressividade. Na nossa interpretação, esse resultado reflete o fato de que os adjetivos sem grau não estabelecem uma comparação de superioridade, um dos componentes da expressividade, segundo a teoria que adotamos.

Como dito anteriormente, contamos com a participação de 45 informantes, e cada um recebeu uma lista com dez contextos distintos (dois contextos para cada variável independente — adjetivo de grau relativo, de grau máximo, de grau mínimo, sem grau e o nome—), gerando um total de 450 itens para a análise. Dessas, 270 eram de adjetivos com grau (somando 90 relativos, 90 de grau máximo e 90 de grau mínimo), 90 sem grau e 90 de nomes. A contabilização da tabela 3 é sobre o universo de julgamentos de felicidade para os adjetivos de grau (270), os sem grau (90) e os nomes (90).

Tabela 3: Tabela consolidada dos julgamentos dos adjetivos e nomes (universo de 90 questões respondidas)

	Bom/ excelente	Estranho/ inaceitável	Percentual de julgamentos de bom ou excelente
Adjetivos com grau	172	98	63,70%
Adjetivo sem grau	23	67	25,55%
Nomes (distratores)	87	3	96,66%

A tabela 4 mostra os resultados obtidos no teste de produção. *É importante ressaltar que cada um dos 45 participantes* do experimento de produção recebeu duas questões de produção, gerando um universo de 90 respostas para analisar. Essas respostas foram classificadas conforme as variáveis independentes que estão detalhadas na coluna 1: adjetivos sem grau, adjetivos relativos, adjetivos de grau máximo, adjetivos de grau mínimo, nomes e outros (quando,

¹ É importante destacar que os valores indicados na segunda e na terceira coluna são absolutos e se referem a cada teste ligado à variável independente no total geral, e não ao número de participantes.

por exemplo, apesar de as instruções pedirem para completar com apenas uma palavra, os participantes colocavam diversas palavras na exclamativa). Os percentuais se referem ao total de produções obtidas para cada elemento discriminado na primeira coluna, relativamente ao universo de 90 produções.

Tabela 4: Teste de Produção espontânea

Tipo de elemento único em 'Que x!'	Itens produzidos	Percentual
Nome: ('Que bagunça!')	46	51,11%
Grau máximo: ('Que completo!')	1	1,11%
Grau mínimo: ('Que amassado!')	5	5,55%
Relativo: ('Que bom!')	23	25,55%
Sem grau: ('Que plástico!')	Zero	0%
Outros casos (sentença aumentada, superlativo): ('Que coisa feia!')	15	16,66%

Como já esperado, tivemos um elevado número de produção de nomes (51,11%), o que confirma a hipótese de que os nomes comuns **são bem aceitos nessas construções**. O fato de não termos nenhuma produção de adjetivos sem grau (0%) reafirma os resultados da tabela 3, sobretudo no que diz respeito à necessidade de o adjetivo ter grau para a expressividade. Entre os adjetivos de grau, os de grau relativo foram os que mais se destacaram, ocupando 25,55% do total das lacunas preenchidas. Já entre os absolutos, os de grau mínimo (5,55%) se sobressaíram em relação aos de grau máximo (1,11%). Apesar da baixa frequência de produção de adjetivos absolutos em geral, podemos inferir da diferença entre as duas subclasses que a semântica dos adjetivos de grau mínimo é muito mais adequada à expressividade que a semântica do grau máximo. Interpretamos esse resultado como uma confirmação da proposta de Brasoveanu e Rett (2017), de que os adjetivos de grau mínimo, por aceitarem uma gama variada de valores (todos os diferentes do parâmetro de comparação, que é um dos extremos da escala) são capazes de atribuir ao seu argumento nominal um grau que ultrapasse o padrão avaliativo assumido.

Comparando os resultados dos dois testes, fica evidente que o experimento de produção é ainda mais revelador que o experimento de julgamento de felicidade. Para explicarmos as diferenças nos resultados obtidos com o método do julgamento de felicidade e o método de produção, como já comentado anteriormente, percebemos que os falantes tendem a ser mais tolerantes quando precisam avaliar a felicidade de uma construção linguística, por razões pragmáticas, mas que em suas produções a tendência é que eles se deixem guiar mais por sua gramática internalizada; ou seja, a probabilidade de um falante produzir uma estrutura linguística que não seja gramatical na sua língua **é bem menor**, se comparado à possibilidade de ele aceitar, no seu julgamento, uma construção que fira sua intuição linguística, mas lhe garanta uma atitude pragmática cooperativa (já que eu entendi qual era a intenção comunicativa do meu interlocutor, não vou censurar o modo de falar dele).

Vamos examinar mais atentamente alguns achados dos experimentos. Como podemos observar na tabela 5, os adjetivos sem grau (25,55%) foram bem menos aceitos que os de grau (63,70%) no teste de julgamento de felicidade. Da mesma forma, no teste de produção, a ocorrência dos adjetivos de grau (32,22%) não só foi bem maior em relação à produção aos sem grau, mas não houve produção de adjetivos sem grau (0%).

Tabela 5: Adjetivos de grau e sem grau

Felicidade	com grau: 63,70%	sem grau: 25,55%
Produção	com grau: 32,22%	sem grau: 0%

Em relação aos subtipos de adjetivos de grau, tanto no teste de felicidade quanto no teste de produção confirmou-se a hipótese de que os relativos são especialmente adequados à expressividade, como nos mostram os resultados na tabela 6:

Tabela 6: Adjetivos de grau relativo

Felicidade	relativo: 80%
Produção	relativo: 25,55%

O percentual de produção de relativos (25,55%) não só foi o maior entre os adjetivos, mas foi 5 vezes maior que o segundo colocado, o adjetivo de grau mínimo (5,55%); a taxa de produção de grau máximo foi irrisória (1,11%). Só os nomes superaram os adjetivos relativos no teste de produção.

Embora, como dito anteriormente, a diferença entre os adjetivos absolutos de grau mínimo e grau máximo não tenha sido marcante no teste de felicidade, no de produção é possível notar que a diferença se mostrou mais marcada, como vemos na tabela 7:

Tabela 7: Adjetivos de grau absoluto

Felicidade	grau mínimo: 53,33%	grau máximo: 57,77%
Produção	grau mínimo: 5,55%	grau máximo: 1,11%

Vemos que, em termos de produção, os adjetivos de grau mínimo são 5 vezes mais recorrentes que os de grau máximo. Fica aberta a possibilidade de que a preferência pelo adjetivo de grau mínimo e a rejeição ao de grau máximo estejam mascaradas pela tendência de ser cooperativo nos testes de julgamento. Novos testes precisariam ser feitos para verificar mais a fundo essa hipótese.

Assim, no geral, constatamos que todos os nomes comuns foram bem aceitos, ou seja, não parece haver uma classe nominal que seja melhor que a outra nos contextos expressivos examinados; já em relação aos adjetivos, de fato os achados indicam que não é qualquer um que vai bem nesses contextos, o que mostra a importância gramatical de se dividir os adjetivos em classes semânticas como de grau, sem grau e nos subtipos de grau.

Conclusão

Este estudo representa um avanço em relação ao conhecimento sintático e semântico do fenômeno da expressividade no PB, especialmente por ser um trabalho pioneiro no assunto.

Os resultados dos experimentos confirmaram que os nomes comuns são todos admitidos em contextos expressivos, diferentemente dos adjetivos, que são mais sensíveis. Ou seja, não é qualquer adjetivo que funciona como expressivo em PB, assim como não é qualquer adjetivo que é aceito na mesma medida em construções expressivas do inglês. Foi possível ainda concluir da nossa pesquisa experimental que ter grau é uma condição semântica licenciadora da expressividade para os adjetivos, tal como já tinha sido observado para o inglês. Isso nos motiva a propor que haja um universal semântico no que diz respeito à semântica escalar dos adjetivos: em ambas as línguas, que não são da mesma família linguística, grau facilita a expressividade. Indo além, verificamos que os adjetivos de grau não são todos iguais quanto às propriedades semânticas requeridas pela expressividade, sendo os adjetivos de grau relativo os mais bem equipados, dada a sua semântica de comparação de superioridade. Em relação à hipótese de que o adjetivo absoluto de grau mínimo seja melhor que o de grau máximo em contextos expressivos, entendemos que os experimentos foram inconclusivos, já que os resultados, ao menos nos testes de felicidade, não exibiram grandes diferenças. Mas o teste de produtividade foi mais contundente, levantando uma dúvida sobre uma possível interferência do princípio de cooperação pragmática nas tarefas de julgamento de felicidade. Isso nos motiva a pensar em fazer novas investigações, que deixaremos para trabalhos futuros, já que este é um assunto bastante instigador.

Referências

BRASOVEANU, A.; RETT, J.. Evaluativity across adjective and construction types: An experimental study. *Journal of Linguistics*, v. 54, n. 2, p. 263-329, 2018.

FAYÃO, R. *10ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ*. Rio de Janeiro, 2019.

FAYÃO, R; SUDRÉ, T. G.. *VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Porto de Galinhas (PE), 2019.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language* 81, 345-381, 2005.

QUADROS GOMES, A. P.; SUDRÉ, T. G. *ABRALIN 50 - Linguística na Contemporaneidade: Desafios, Debates e Propostas*. Maceió (AL), 2019.

RETT, J. *Antonymy and evaluativity*. In Masayuki Gibson & Tova Friedman (eds.), *Proceedings of SALT XVII*. CLC Publications, 2008a.

RETT, J. *Degree modification in natural language*. Diss. Rutgers University-Graduate School-New Brunswick, 2008b.

SUDRÉ, T. G. *XVII Seminário de Dissertações e Teses em Andamento*. Rio de Janeiro, 2019.